

# Pólo rebate artigo que questiona o álcool

Comentário de cientistas americanos coloca em xeque a 'limpeza' de biocombustíveis, inclusive o etanol produzido no Brasil

Matéria intitulada "Biocombustível pode ser sujo, diz estudo", publicada ontem na primeira página do caderno Ciência, da Folha de São Paulo, com base em tese de pesquisadores americanos avessos à onda do etanol, foi motivo de muita conversa no Pólo Nacional de Bio-

combustível. O professor Weber Amaral, coordenador do Pólo, não gostou nada da maneira como os autores trataram o assunto: "Conheço os dois envolvidos. Eles colocaram todos os biocombustíveis num mesmo plano, o que não faz sentido e não merece consideração". Por isso, está elaborando uma resposta para a revista.

O repórter Eduardo Geraque da Folha deu repercussão ao comentário dos pesquisadores do Instituto Smithsoniano, no Panamá, publicado na revista Science, sobre o estudo que, por sua vez, é revisão de outro estudo publicado na Suíça em 2007. O estudo original com-

para 26 produtos 'verdes' com a gasolina, incluso na lista o álcool brasileiro – por isso a posição radical de Amaral –, e conclui que pelo menos 12 deles são piores que os combustíveis fósseis. Seja o produzido de cana, soja ou milho.

De acordo com Amaral não

existe cultura que não cause

impacto ambiental. "Mas isso é válido para qualquer atividade econômica", diz. Mesmo assim, afirma que William Laurence, um

dos pesquisadores, ignorou dados importantes da Agência Internacional de Energia, que levam em consideração a eficiência do biocombustível derivado da cana-de-açúcar no que diz respeito ao balanço de energia e ao efeito estufa. "Mesmo considerando a queima, o balanço de energia do álcool equivale a oito por um, ou seja, para cada unidade de energia gasta para produzi-lo, são geradas oito unidades", explica. O cálculo fica ainda mais favorável quan-

do se considera a cana colhida mecanicamente, cujo balanço chega a 12 por um.

Amaral explica que os cientistas também não levaram em consideração os benefícios da diversidade na cadeia produtiva do biocombustível. "Enquanto isso, a produção de petróleo é monopolizada". Por isso ele acha que são dois profissionais a serviço de uma causa, ou seja, trabalham em defesa da indústria petrolífera. Nesse sentido, tenta descredenciar as demais. "Para se ter uma idéia de quem é William Laurence, ele já foi convidado a se retirar do Brasil por fazer críticas descabidas sobre desmatamento da Amazônia. Tanto é que não pode mais trabalhar no país". De acordo com a matéria da Folha, ele trabalhou no Instituto Nacional de Pesquisas do Amazônia (Inpa).

Os cientistas afirmam que a maioria dos combustíveis verdes aumenta o efeito estufa, invade outras culturas – e por isso, pode comprometer a produção de alimentos. No caso da cana-de-açúcar, destrói o meio ambiente e coloca a Floresta Amazônica em risco. "O que torna ela mais poluente que a própria gasolina em termos de gases que contribuem para o efeito estufa", diz Laurence.

"Não somos ingênuos, e sabemos que existem muitos problemas a ser resolvidos. Mas não há dúvida de que o biocombustível renovável é muito melhor que o fóssil, que é finito". Nesse sentido, ele observa que o comentário não traz nada de novo e ainda ajuda a confundir a opinião pública. Por isso, destaca que não se pode perder de vista que os pesquisadores não produziram um artigo científico, mas sim, teceram comentários. "Um artigo científico tem que ser inovador, exclusivo e gerar dados primários, três ingredientes fundamentais que não encontramos nesse comentário", conclui.